Encontro Semiótica Projeto

Caderno de Resumos

III Encontro de Semiótica do Projeto

Do Ensino à Prática Projetual

Isabela de Mattos Ferreira
Frederico Braida
Vera Nojima
(Org.)

Local: Universidade Federal de Juiz de Fora
Data: 20 e 21 de setembro de 2018

DAD/PUC-Rio | 2018

Encontro Semiótica Projeto

III Encontro de Semiótica do Projeto
Universidade Federal de Juiz de Fora
20 e 21 de setembro de 2018

Caderno de Resumos do III Encontro de Semiótica de Projeto

Do Ensino à Prática Projetual

Isabela de Mattos Ferreira
Frederico Braida
Vera Nojima
(Org.)

DAD/PUC-Rio | 2018

Ficha Catalográfica

FERREIRA, Isabela de Mattos; BRAIDA, Frederico;

NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos.

III Encontro de Semiótica do Projeto: Caderno de Resumos / FERREIRA, Isabela de Mattos; BRAIDA, Frederico; NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos. – Rio de Janeiro: DAD/PUC-Rio, 2018.

53 p.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-99959-14-5

1. Semiótica. 2. Projeto. 3. Design. 4. Arquitetura. 5. Comunicação.

I. Título II. Título: Do Ensino à Prática Projetual

Realização:

Apresentação

Este caderno traz os resumos aprovados no III Encontro de Semiótica do Projeto, que ocorreu nos dias 20 e 21 de setembro de 2018, no auditório Geraldo Pereira do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF).

Tivemos, no dia 20 de setembro, o privilégio de ter a presença da Professora Lucy Niemeyer, que atualmente leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro e é professora aposentada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. A professora proferiu a palestra de abertura intitulada "Processos intersemióticos do Projeto". No dia seguinte, dia 21 de setembro, tivemos um dia intenso e muito produtivo, com duas mesas redondas e as apresentações orais.

A primeira mesa redonda, "Comunicação e projeto", que buscou mostrar um panorama do uso da Semiótica como ferramenta para trabalhos que levassem em conta os aspectos comunicacionais do projeto, teve a presença de professores de diversas instituições a saber: Professor Doutor Francisco Pimenta, do Departamento de Comunicação da UFJF, Professor Doutor Anderson Horta, da Faculdade de Design da UniBH e a Professora Letícia da Sá Nogueira, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. A mesa foi mediada pelo Professor Doutor Frederico Braida.

Já a segunda mesa redonda, "Tranversalidade e Projeto", trouxe ao evento profissionais que utilizam o tema da transversalidade em suas experiências didáticas e de pesquisa. Apresentaram-se a Professora Doutora Isabela Monken Velloso, do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, a Professora Vera Lúcia Nojima, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a a Professora Doutora Cristiana de Almeida Fernandes, da Faculdade Dom Bosco, mediados pela Professora Doutora Isabela de Mattos

Ferreira, uma das organizadoras do evento e que atualmente realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Além desses convidados, o evento reuniu pesquisadores, professores e alunos de diferentes instituições e cidades que apresentaram a aplicação da Semiótica em um leque amplo de temas. Entre eles podemos mencionar arquitetura de espaços de saúde, arquitetura monumental, arquitetura e design de interiores, ensino de arquitetura, urbanismo, design editorial, design gráfico, design de produto, cinema, desenho animado e ensino de desenho.

Na palestra de encerramento, contamos com a presença do Professor Doutor Jofre Silva da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que nos apresentou mais profundamente a obra de Charles Sanders Peirce e a relacionou com trabalhos seminais das correntes estruturalistas e pós-estruturalistas.

Foram, ao todo, duas palestras de professores convidados (de abertura e de encerramento), seis apresentações de professores convidados (distribuídos em duas mesas-redondas) e 14 apresentações orais de pesquisadores de diversas partes do país. Reunimos pesquisadores que atuam nas seguintes cidades e instituições: Goiás (Universidade Federal de Goiás), Rio Grande do Sul (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), São Paulo (Universidade São Judas Tadeu), Urberlândia e Patos de Minas (Universidade Federal de Uberlândia - UFU), Rio de Janeiro (Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Pontifícia Universidade Federal do Rio de Janeiro - PUC-Rio), Ubá (Univerisdade Estadual de Minas Gerais - UEMG), Belo Horizonte (UniBH), Juiz de Fora (Universidade Federal de Juiz de Fora), com membros da Faculdade de Comunicação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Artes e Design e do Programa de Pós-Graduação do Ambiente Construído, além de membros do Centro de Ensino Superior

de Juiz de Fora, Niterói (Universidade Federal Fluminense - UFF) e Resende (Faculdades Dom Bosco).

Nós, organizadores, estamos convictos de que o foi muito positivo, pudemos gerar ótimas discussões e criar novos canais de comunicação. O evento não teria sido possível sem a colaboração de todos que participaram. Por isso, deixamos aqui os nossos mais sinceros agradecimentos, esperando que em breve possamos nos reunir novamente, em mais um Encontro de Semiótica.

Por fim, agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído, em especial à linha de pesquisa Projeto de Ambiente Construído e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, que viabilizaram financeiramente a realização do evento. Também agradecemos ao Programa de Pós-graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pelo apoio ao evento.

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Isabela de Mattos Ferreira – PROAC/UFJF (estágio pós-doutoral)
Prof. Dr. Frederico Braida – PROAC/UFJF
Profa. Dra. Vera Lúcia Nojima – PPGD/PUC-Rio

Sumário

A didática do traço no espaço virtual: origem e visualidade 9
Carlos Eurico Poggi (PUC-Rio)

A linguagem híbrida no design do livro pop-up 11
Verônica Soares; Vera Lúcia Nojima (PUC-Rio)

Análise dos atributos geométricos de três obras de Herzog & De Meuron 13
Carlos E. R. Santos; Maria Angela Dias (UFRJ)

Arquitetura como reflexo da reclusão e isolamento: estudo de caso FHEMIG – Barbacena 15
Sarah Gabriela Oliveira; José Gustavo Francis Abdalla (UFJF)

Arquitetura enquanto signo: espaço e luz nos espaços sagrados de Oscar Niemeyer 17
Fernando Kennedy Braga Oliveira; Luís Eduardo dos Santos Borda (UFU)

Dimensões de comunicação ligadas a projetos de design: aspectos semióticos 20
Taís Alves (UEMG)

Entre o canto e o estigma: o problema das marcas de expressão nas cotidianidades marginais 22
Leandro Barros Nascimento; Maria Isabel Imbronito (USJT)

Grotesco como opção estética: um olhar semiótico sobre South Park 25
Raquel Tomás Cançado; Letícia de Sá Nogueira (CES/JF)

Lugares abandonados: decadência urbana e desolação na cidade 28
Rafael Ferreira de Souza (UFF)

Navegando pela semiótica do livro "S. - O navio de Teseu" 30
Christiane Camara de Almeida; Vera Lúcia Nojima (PUC-Rio)

O cheiro como signo da marca 32
Paloma Almeida Romanos; Frederico Braida;
Isabela Monken Velloso (UFJF)

O processo de representação na concepção projetual do arquiteto: reflexão sobre o uso de modelos tridimensionais 34
Rafael Henriques Campos Dias; Frederico Braida;
Mariane Garcia Unanue (UFJF)

O projeto de arquitetura pode mentir? Imagens fotorrealísticas na arquitetura de interiores 37
Mariana Alvez Zancanelli; Frederico Braida;
Isabela Ferreira; Icaro Chagas (UFJF)

O projeto de símbolos icônicos na enoarquitetura contemporânea 40
Douglimar Meireles Oliveira; Frederico Braida; Antonio Colchete (UFJF)

Semiótica aplicada em projetos de produto do polo moveleiro ubaense 43
Anna Clara Araújo Nascimento; Taís Alves (UEMG)

Semiótica da morte no cemitério Campo da Esperança (Brasília – DF) 45
Leonardo Oliveira (UFGRS)

Semiótica morrissiana aplicada à análise de edifício digital 48
Fábio Lima (UFG)

Territorialidades do vôlei em Copacabana e a imagem da cidade 52
Marcelo Tavares; Lílian Fessler Vaz (UFRJ)

A Didática do Traço no Espaço Virtual: Origem e Visualidade

The Trait Didactics in Virtual Space: Origin and Visuality

Poggi de Aragão Junior, Carlos Eurico; Especialização; PUC-Rio
poggi00@gmail.com

Resumo

Este trabalho identifica e analisa um problema de repertório cultural entre estudantes de artes visuais e propõe uma abordagem da didática da imagem artística em geral, cujo objetivo é oferecer estratégias de compreensão crítica e criativa das narrativas visuais atuais na sua relação com a História da Arte. A imagem artística é definida e entendida como desenho que se forma e se expressa através do traço, cuja interpretação decorrente de suas qualidades e de seus sentidos visuais pode gerar diversas inserções e narrativas na cultura como um todo e, especialmente, na cultura digital. O conceito de traço é estabelecido, metodologicamente, pelo seu caráter como índice de uma realidade, essencialmente, assim como signo, símbolo e, na totalidade da imagem, como espaço fotográfico, incorporando as possibilidades digitais como meio de sua investigação por metadados. Partindo de uma longa experiência didática com estudantes, o trabalho analisa a prática do traço indiciático e do suporte pictórico, para estabelecer as possíveis relações com a fotografia, pintura, escultura e com qualquer imagem artística presente na internet. O desenvolvimento desta didática da imagem artística pretende a criação de pontes temáticas e tecnológicas, definindo o presente e o passado como processos em registros contínuos, enquanto revela a História da Arte como uma atualidade indissociável do fazer artístico. Na análise final, são propostas estratégias didáticas, a serem implementadas em diferentes molduras possíveis no âmbito das tecnologias digitais, para favorecer uma compreensão da arte e de suas operações técnicas, permitindo assim um possível entrelaçamento de visões de mundo e ideias presentes na origem de cada traço.

Palavras-chave

Imagem; Arte; Traço; Índice; Fotografia.

Referências

DUBOIS, Phillip. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PANOFSKY, Erwin. **A perspectiva como forma simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

GREENBERG, Clement. **Arte e cultura.** São Paulo: Ática, 1996.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Editora Pioneira, 2000.

A linguagem híbrida no design do livro pop-up

The hybrid language in pop-up book design

SANTOS, Veronica Soares dos; Mestranda; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), veronicasoares7@hotmail.com

NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos; Doutora; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), nojima@puc-rio.br

Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado no campo do design editorial sobre a utilização dos recursos da engenharia do papel e as amplas possibilidades do livro-objeto. O livro pop-up (livro móvel) que, em geral, é classificado para o público infanto-juvenil pelo mercado editorial, muitas vezes permeia e cativa também o universo adulto, sendo considerado livro para colecionar. Trata-se de um produto editorial com peculiaridades e multiformas derivadas dos mecanismos da engenharia do papel, que concerne ao conjunto de técnicas que utilizam características mecânicas para criar produtos móveis.

De modo sucinto, a engenharia do papel tem como intenção primordial gerar o movimento nos produtos e, para isso, faz uso de conceitos mecânicos de acionamento manual em suas estruturas, que podem ou não ser tridimensionais. Tais livros visam estimular a imaginação e maximizar a experiência do "aprendizado" sensorial e cinestésico. Considerando as diversas configurações apresentadas no livro pop-up, este trabalho propõe uma análise das relações entre as linguagens híbridas no conteúdo que os livros móveis contêm, investigando ainda as vinculações de coerência e coesão entre textos, ilustrações e as esculturas do papel dispostas nos livros contemporâneos.

A coesão e coerência são princípios da linguagem que contribuem para a produção de sentido da tessitura textual e propiciam a assimilação dos conteúdos distintos e inter-relacionados que se fazem potencialmente relevantes para interação no que se refere aos aspectos estéticos, culturais, lúdicos e subjetivos dispostos no design do livro. Serão apresentados estudos sobre o exemplar de livro pop-up do gênero infanto-juvenil, Vinte mil léguas submarinas de Júlio Verne, PubliFolha, 2010, adaptado pelo engenheiro do papel Sam Ita, numa perspectiva intersemiótica.

Palavras-chave
design editorial; livro pop-up; hibridismo.

Referências

BIRMINGHAM, Duncan. **Pop-up design and paper mechanics**: how to make folding paper sculpture. Lewes: Guild of Master Craftsman Publications, 2010.

BRAIDA, Frederico; NOJIMA, Vera Lúcia. **Por que design é linguagem?** Rio de Janeiro: Rio Book´s, 2014.

CAMARGO, Luís. **Poesia infantil e ilustração**: estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles. 1998. 214f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, 1998.

CARTER, David; DIAZ, James. **The elements of pop-up**: a pop-up book for aspiring paper engineers. New York: Little Simon, 1999.

COLLARO, Antonio Celso. **Producão gráfca**: arte e técnica de mídia impressa. São Paulo: Pearson Prenice Hall, 2008.

DYK, Stephen Van. **Paper engineering:** fold, pull, pop and turn. Smithsonian Institution Libraries, 2010. Disponível em: <http://www.sil.si.edu/pdf/FPPT_brochure.pdf>. Acesso em 25 de junho, 2017, às 11:19.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MONTANARO, Ann. **A concise history of pop-up and movable books.** [s.d.] Disponível em: <http://www.libraries.rutgers.edu/rul/libs/scua/montanar/p-intro.htm>. Acesso em 24 de junho, 2017, às 11:41.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Ieda de (org.), OLIVEIRA R, MORAES O, ALARCÃO R, et. al. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DcL Difusão Cultural, 2008.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
Disponível em: <https://cursointermidialidade.fles.wordpress.com/2014/08/traducao-intersemiotica-julio-plaza.pdf>. Acesso em: 25 de junho, 2017, às 12:05.

Análise dos atributos geométricos de três obras de Herzog & De Meuron

Analysis of the geometric attributes of three works by Herzog & De Meuron

SANTOS, Carlos E. R.; Doutorando; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
carlos.rocha@arquitetura.ufjf.br

DIAS, Maria Angela; Doutora; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
magedias@gmail.com

Resumo

O objetivo deste de artigo é apresentar a análise dos tributos formais observados em três projetos dos arquitetos suíços Herzog & De Meuron, escolhidos num conjunto de oito arquitetos contemporâneos que compõem o livro Inquietação Teórica e Estratégia Projetual, de Rafael Moneo, 2008. Esta análise não se limita ao aspecto formal enquanto geometria, mas evidência as relações visuais com base nos princípios da composição identificados no conjunto de imagens dos projetos citados.

Herzog e De Meuron são arquitetos que se destacam pela sua postura frente a arquitetura. Suas obras se configuram por estarem sujeitas a um pensamento mais "arcaico" ou mesmo canônico. Este argumento se deve principalmente ao fato de prezarem por formas comuns, ou volumes elementares, como prismas e cubos, seguindo um estilo de construção convencional, deixando o conceito de forma segue a função de lado e voltando para forma segue a lógica. Esta relação gera significados aparentemente comuns, porém os arquitetos objetivam subverter seus signos.

Através de uma evolução na linha do tempo das obras de Herzog & De Meuron desenvolvida no livro de Moneo, três projetos são destacados e analisados. O primeiro é o projeto do armazém no complexo industrial da Ricola, em Laufen (1986-7) que foi o primeiro notório da dupla, classificado como simples e belo, representando o signo básico da forma de um armazém, mas se destacando pelo ritmo dos elementos da fachada e seus materiais. O segundo edifício é a residência Rudin, na França (1997) em que os autores se utilizam do signo primário de uma casa (paredes que formam um retângulo e telhado de duas águas em forma triangular) e subvertem sua

imagem e suas fachadas. E por fim, a galeria Sammlung Goetz, em Munique (1989-92) em que os arquitetos lidam com diferentes materiais, pesos e complexidades, todos inseridos em uma forma prismática simples, buscando uma arquitetura que não se destaque frente as obras ali contidas.

A metodologia de análise utilizada baseia-se em dois livros: Operative Design de Mari e Yoo (2012) e The Fast Guide To Architectural Form de Raffaelli (2016). As relações formais foram analisadas, principalmente, em seus modelos virtuais tridimensionais no software Sketchup e também nas plantas e fachadas, ou seja, na forma bidimensional. A observação destas obras permitiu a validação da ideia central apresentada por Moneo (2008), que afirmava que Herzog & De Meuron trabalhavam majoritariamente com volumes simples, para então aplicar suas propostas arquitetônicas. Os três edifícios analisados partem de formas simplificadas, como prismas, retângulos e triângulos, suas plantas e fachadas são reguladas e ritmadas sob regras claras e marcantes. Assim, se de um lado a forma volumétrica é aparentemente básica, são os materiais utilizados que possibilitam o surgimento das formas, dos ritmos e ideias para gerar novas conexões espaciais, com cores e estruturas que marcam sua arquitetura.

Palavras-chave

Atributos Geométricos; Categorias Morfológicas; Projeto de Herzog & De Meuron.

Referências

MARI, Anthony di; YOO, Nora. **Operative Design**. Amsterdam: Bis Publisher, 2012.

MONEO, Rafael. Herzog & De Meuron. In: Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos. **Coleção Face Norte,** volume 12. São Paulo, Cosac Naify, 2008. P. 323 – 359.

RAFFAELLI, Baires. **The Fast Guide To Architectural Form**. Amsterdam: Bis Publisher, 2016.

Arquitetura como reflexo da reclusão e isolamento: estudo de caso FHEMIG - Barbacena

Architecture as a reflection of exclusion and isolation: a case study FHEMIG - Barbacena

OLIVEIRA, Sarah Gabriela de Carvalho; Mestranda em Ambiente Construído na Universidade Federal de Juiz de Fora (PROAC/UFJF), sarah.gabriela20@gmail.com

ABDALLA, José Gustavo Francis; Doutor em Engenharia de Produção (UFRJ/COPPE); Professor titular na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/FAU), gustavofrancis@globo.com

Resumo

O objetivo desse artigo é abordar como foi constituída a ideia de má personificação dos locais para tratamento psicossocial por meio dos ambientes arquitetônicos e dos significados socio-culturais criados para esses espaços. Será utilizado a sede do Hospital Regional da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG) em Barbacena – MG como estudo de caso. De acordo com Fontes (2003), espaços que detêm função de tratamento metal, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) ou as Residências Terapêuticas, carregam uma imagem forte e negativa ao serem associados a hospitais psiquiátricos que possuem um estigma de reclusão e periculosidade. De acordo com Montinelli (2016), a arquitetura é um sistema de linguagem mediadora das relações sociais que articula o espaço a ideologias, relações de poder e formas de pensar de uma sociedade. Ainda de acordo com o autor, essa definição contribui para o entendimento do que é a memória coletiva, apoiando-se em imagens espaciais que são marcadas e identificadas pela cultura e pela história. Tendo em vista que o sistema manicomial foi predominante até o século XX, segundo Schutz e Wicki (2011), e que a arquitetura desses locais possui características panópticas e de cárcere de pessoas (FOUCAULT, 1975), formou-se o imaginário coletivo a ideia que lugares para terapia mental são perigosos, mesmo tendo estudos apontando que isso não condiz com a realidade (SCHUTZ, WICKI; 2011). A metodologia utilizada seguirá a pesquisa de Ferrara (1988), que divide o estudo em

três partes 1) as características físicas, 2) os usos e 3) as transformações ocorridas no ambiente ao longo do tempo, a qual é baseada nas três operações fundamentais da semiótica de Peirce (2003): a percepção, a leitura e a interpretação. Portanto, o trabalho em suas considerações visa mostrar como foi constituído a arquitetura dos manicômios e os paradigmas que o sustentam e a importância da desconstrução dessa imagem. Conclui, com isso, que a cidadania e inserção social da deficiência cognitiva requer tal desconstrução.

Palavras-chave

Hospital psiquiátrico; panóptico; arquitetura.

Referências

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Ver a Cidade**. São Paulo: Ed. NOBEL, 1988.

FONTES, Maria Paula Zambrano. **Imagens da arquitetura da saúde mental**: um estudo sobre a requalificação dos espaços da Casa do Sol, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira. Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro. 2003. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/monografias/imagens_arquitetura_saude_mental.pdf >. Acesso em: 13 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organizaçao e tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1975.

MONTICELLI, Juliana. **O ornamento arquitetônico como linguagem produtora de sentidos**: uma análise semiótica dos edifícios da av. Faria Lima. Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba. Sorocaba, São Paulo. 2016. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.uniso.br/producao-discente/2016/pdf/juliana-monticelli.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2003.

SCHUTZ, Benjamin; WICK, Livia. **Architectures for psychiatric treatment**. Lausanne: EPFL – Écolepoly technique féderale de Lausanne, 2011.

Arquitetura enquanto signo: espaço e luz nos espaços sagrados de Oscar Niemeyer

Architecture as a sign: space and light in the Oscar Niemeyer's sacred spaces

OLIVEIRA, Fernando Kennedy Braga; Mestrando em Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal de Uberlândia (UFU), fernandokbraga@ufu.br

BORDA, Luís Eduardo dos Santos; Doutor em Artes; Universidade Federal de Uberlândia (UFU), dado@ufu.br

Resumo

Embora as teorizações sobre a conceituação da arquitetura sejam tantas e tão extensas quanto as abordagens que vão de Vitruvio aos estudos contemporâneos, somente no século XX estabeleceu-se um debate que identifica o espaço arquitetônico como objeto semiótico. Neste debate, incluem-se trabalhos como os de Bruno Zevi, Teixeira Coelho, Décio Pignatari, entre outros autores.

Pode-se dizer que toda e qualquer obra arquitetônica pode servir de objeto de pesquisa e estudo semiótico na medida em que a posição lógica dos elementos analisados, bem como sua classificação indicial, icônica e/ou simbólica (PEIRCE, 1977), depende do lugar em que o pesquisador se posiciona para lançar olhares associativos (ECO, 1932) sobre a forma de produção do espaço. A arquitetura, dessa maneira, pode ser tanto símbolo - convenção social arbitrária (NESBITT, 2013) - quanto signo. Tudo é signo.

A infindável multiplicação signica contemporânea (SANTAELLA, 2005), embora implique na abertura do campo de discussão semiótica, deixa como proposta de debate a problemática da significação e do sentido em certas áreas específicas, como na arquitetura.

Assim, partindo de uma estrutura de análise semiótica, pretende-se lançar um olhar sobre os espaços sagrados produzidos por Oscar Niemeyer. Pretende-se vê-los enquanto signo. O instrumental teórico e metodológico para tal análise será a tríade ícone-índice-símbolo, proposta por C. Peirce. Dentro disso, pretende-se observar como Niemeyer utiliza as imagens (ícones), como manipula a luz enquanto signo de

Deus (símbolo) e, também, como organiza o espaço enquanto vestígio da presença (índice). No que concerne especificamente à questão do espaço, a ideia é tratar a sua organização enquanto marca da presença humana (índice). Isso implica pensar a distribuição dos assentos das Igrejas de Niemeyer, por exemplo, enquanto vestígio da interação entre os fieis, ou mesmo enquanto expressão da interação entre os sacerdotes e os devotos. Como a questão da interação entre os corpos relaciona-se com os estudos do antropólogo Edward Hall sobre o assunto (Proxêmica), espera-se que a sua abordagem também venha auxiliar o entendimento, enquanto signo, tanto da organização espacial quanto da interação que promove. (HALL, 1989).

Os estudos aqui utilizados e que fundamentam a delimitação discursiva do debate sobre a significação e o sentido dos espaços sagrados de O. Niemeyer serão, portanto, aqueles relacionados à fenomenologia, à teoria semiótica e à construção do sentido na arquitetura, a saber: os trabalhos de Bruno Zevi, C. Peirce, Lucia Santaella, Teixeira Coelho, Umberto Eco, dentre outros. Ademais, ressaltando-se a interdisciplinaridade da produção do espaço sagrado, recorreremos também a abordagens sobre a espiritualidade enquanto conceito.

Através de tal análise, esperamos destacar a importância da teoria semiótica como uma ferramenta de leitura do projeto e de entendimento da construção do sentido do espaço na arquitetura.

Palavras-chave

Semiótica; Signo; Espaços Sagrados; Oscar Niemeyer.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **El Concepto del Espacio desde el Barroco a Nuestros Dias.** Buenos Aires: Ed. Nova Visión, 1973.

___. **Imagem e Persuasão**. Ensaios sobre o Barroco. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 1932.

HALL, Edward. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). 2ª ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
NETTO, José Teixeira Coelho. **A construção do sentido na arquitetura**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
PIGNATARI, Décio. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. 1ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Dimensões de comunicação ligadas a projetos de design: aspectos semióticos

Communication dimensions linked to design projects: semiotic aspects

ALVES, Taís; Mestre; Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), tais.alves@uemg.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas das considerações percebidas ao longo de quase 10 anos de experiência com as disciplinas de Comunicação e Semiótica, no curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Ubá. O estudo faz parte do Núcleo de Estudos Comunicação e Semiótica, ligado ao Centro de Estudos e Práticas em Design e do Grupo de Pesquisa Educação e Humanidades. A pesquisa aponta estudos sobre os aspectos comunicacionais presentes nas várias etapas do processo de criação dos projetos e as percepções do usuário resultantes da comunicação e do uso de produtos com o intuito de subsidiar a tomada de decisão dos designers durante o processo de desenvolvimento de ações que visem elevar o nível de assertividade em produtos e/ou serviços de design. Utilizando a Semiótica, embasada por autores como Charles Sanders Peirce, Lúcia Santaella, Vera Lúcia Nojima, Frederico Braida, dentre outros, é possível perceber a relação entre as áreas de pesquisa do design e da comunicação, como se aproximam e como podem ser complementares. A ideia é apresentar algumas dessas aproximações e como podem ser aplicadas aos projetos de design.

Palavras-chave

Comunicação; semiótica; design.

Referências

BRAIDA, Frederico; NOJIMA, Vera Lúcia. **Por que design é linguagem?** Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

___. **Triades do design**: um olhar semiótico sobre a forma, o significado e a função. Rio

de Janeiro: Rio Book's, 2014

ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio De Janeiro: 2AB, 2003.

NOJIMA, Vera Lúcia et al. **Design**: comunicação e semiótica: estudo e pesquisa das relações transversais. Rio de Janeiro: 2 AB, 2010.

NORMAN, Donald A. **Design Emocional**: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia- a dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thompson, 2002.

Entre o canto e o estigma: a problemática do varal como marca de expressão nas cotidianidades marginais

Between song and stigma: the problem of the clothes line as a mark of expression in everyday life on the sidelines

NASCIMENTO, Leandro Barros; Graduando em Arquitetura e Urbanismo; Universidade São Judas Tadeu (USJT), leandrobntrabalho@gmail.com

IMBRONITO, Maria Isabel; Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAU-USP); docente do curso de graduação e pós-graduação stricto sensu da Universidade São Judas Tadeu (USJT), imbronito@gmail.com

Resumo

Introdução: Ao longo de sua obra, Derrida (1973) denuncia os efeitos desencadeados no pensamento ocidental pela metafísica da presença – isto é, pela hegemonia do ser e do significado enquanto entes absolutos, organizados em relações binárias hierarquizadas. Críticos dessa transcendência histórica, Deleuze e Guattari (1995) propõem uma semiótica fundada na pragmática menor, em que os enunciados não se definem mais dialeticamente, mas por agenciamentos coletivos que exprimem tanto transformações materiais quanto incorpóreas, recuperando a dimensão imanente e social da linguagem e a abrindo para signos não limitados à significância e à inteligibilidade (NASCIMENTO, 2012). Nesta pragmática, a questão da territorialidade ou do ritornelo (DELEUZE; GUATTARI, 1997) tem importância especial, pois, como destaca Nascimento (2012, p.156), "a experiência de criação de territórios enquanto criação de mundos é a própria experiência do signo". Os territórios seriam a distância crítica que garante a simultaneidade de elementos distintos em sua condição diferencial, operando por meio de marcas de expressão. Pode-se entender a arquitetura como uma disciplina territorial por excelência, pois concerne em desenhar territórios ou espacialidades a partir de um conjunto diversificado de elementos físicos e simbólicos, dos mais estáveis, como uma parede, aos mais transitórios, como um varal. Objetivos: A partir das contribuições conceituais do pós-estruturalismo e das observações empíricas realizadas em uma zona limítrofe na Região

Metropolitana de São Paulo, caracterizada por assentamentos irregulares de várzea, este artigo se propõe a: I - problematizar as territorialidades espaciais compostas nos agenciamentos coletivos dentro dos espaços outros da cidade (FOUCAULT, 2013), tomando como personagem pragmático os varais, entendidos em sua dimensão material, gestual, programática, estética e, sobretudo, intensiva – quer dizer, na potência que possuem para abrir o território a novos arranjos ou mesmo outras territorialidades; e II – discutir em que contexto os varais podem ser convertidos em signos significantes, em especial de comportamentos negativos, estigmas (TEIXEIRA FILHO, 2005). Metodologia: A pesquisa se utiliza da cartografia afetiva (ROLNIK, 2011) para compreender as dinâmicas marginais constantes da favela, registrando as práticas espaciais simultaneamente a sua realização. Resultados: Presenciou-se o varal em diferentes alocações com seu entorno, ora estampando as grades e fachadas das moradias, ora ocupando as margens de córregos e calçadas. Na favela, os varais se constroem a partir de qualquer material à disponibilidade (como cabos elétricos e restos de sarrafos de madeira) e sobre todo tipo de suporte (tal como um peitoril ou um poste de entrada de energia). Se na periferia o varal é somente um rastro da insignificância do cotidiano (BLANCHOT, 2007), ou ainda um signo assignificante, na cidade formal ele é compreendido como expressão do caos e da diferença, destoando dos modelos universais vigentes. Discussão e conclusão: É possível chegar ao menos a duas conclusões: I – O varal é estigmatizado por expor uma intimidade pouco maquiada, mas também por deslocar as funções definidas aprioristicamente para os espaços urbanos, nublando os limites entre o público e o privado, o útil e o ocioso; e II – O varal, enquanto singularidade vinculada aos fluxos da vida, é sempre uma multiplicidade, abrindo ou fechando agenciamentos.

Palavras-chave

Cartografia; Estigma; Pós-estruturalismo; Ritornelo; Varal.

Referências

BLANCHOT, Maurice. **Conversa infinita 2**: a experiência limite. São Paulo: Escuta, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol 2. São Paulo: Ed. 54, 1995.

___. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, Vol 4. São Paulo: Ed. 54, 1997.

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos Avançados, v. 27, n.79, p. 113-122, jan. 2013

NASCIMENTO, Roberto Duarte Santana. **Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **Do estigma à exclusão**: histórias de corpos (des) acreditados. São Paulo: Casa do Psicólogo; FAPESP, 2005.

Grotesco como opção estética: um olhar semiótico sobre South Park

Grotesque as an Aesthetic Choice: a Semiotic Study of South Park

CANÇADO, Raquel Tomás; Graduada; Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), raqueltomcado@gmail.com

NOGUEIRA, Letícia de Sá; Mestre; Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), leticianogueira@cesjf.br

Resumo

O grotesco é uma categoria estética, tanto intrigante, quanto difícil de explicar. Porém, são inegáveis sua relevância e influência em campos diversos da arte e da comunicação. O conceito foi trabalhado pelo crítico Bakhtin Mikail Mikhailovich (1984), que destacou suas funções na sociedade. Foi também explorado por autores como Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), que adicionalmente explicam a relação do grotesco com a televisão, e Peter Fingesten (1984, meio digital), pelo seu estudo da presença do grotesco no campo da arte.

O uso do grotesco visa provocar a repulsa, o espanto ou o riso, e no cenário das produções audiovisuais, em geral, são muitos os seriados de animação que entram nessa categoria. Uma série bastante popular, conhecida pela representação de situações bizarras e imagens explícitas e chocantes, é South Park, que adota esse estilo para propor críticas à sociedade norte-americana por meio da sátira e da paródia.

Este estudo investiga o uso do grotesco no décimo quarto episódio da nona temporada de South Park, a fim de identificar as formas como a categoria é utilizada. Através da proposta semiótica de Peirce, trabalhada por autores como Lúcia Santaella (1983;2008), James Jacób Lizka (1996) e Albert Atkin (2013, meio digital), as imagens mais impactantes do episódio são investigadas e, para isso, os signos são categorizados e estudados com o intuito de apontar a forma, o porquê e a relevância do uso do grotesco para o desenvolvimento da crítica proposta por ela.

Por meio da análise peirceana realizada é possível entender que a mistura de sátira e paródia utilizada pelos criadores de South Park tem o propósito de divertir o espec-

tador e expor atitudes e situações que exigem mudança, provocando o debate sobre os mais diversos temas, sem escrúpulos.

O uso do grotesco no episódio analisado choca, revolta e, a quem não ofende profundamente, provoca o riso. Uma característica do grotesco é retratar a condição instintual, e explorar a vulnerabilidade dos seres humanos, independentemente de status. Com isso, assuntos que são reprimidos e ideias romantizadas tornam a ser expostos e entendidos. O uso dos instintos básicos, como são funções comuns a todos, tornam as ideias facilmente reconhecíveis e contribuem para uma melhor compreensão das ideias apresentadas e, assim, debates importantes são iniciados.

O seriado faz uso disso, ridicularizando pessoas, crenças e fenômenos religiosos de uma forma que pode ser interpretada como profundamente desrespeitosa. Mas nisso há a ideia de que nada e ninguém é tão intocável que não possa ser criticado, analisado com outro olhar e debatido. Na verdade, a relevância do seriado está justamente nessa crítica proposta, mesmo que sua trajetória seja construída com base na controvérsia.

Palavras-chave

grotesco; semiótica; South Park.

Referências

ATKIN, Albert. Peirce's Theory of signs. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (summer 2013 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2013/entries/peirce-semiotics> Acesso em: 20 ago. 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Rabelais and his world.** Tradução: Helene Iswolsky. Bloomington: Indiana Press University, 1984. 484 p.

CABRAL, Muniz Sodré A.; SOARES, Raquel Paiva de A. **O Império do Grotesco.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 154 p.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Sitcom.** 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/sitcom>. Acesso em: 16 nov. 2017.

DIEDERICH, Inga Kim. **Grotesque**. In: The University of Chicago, 2008. Disponível em: <https://lucian.uchicago.edu/blogs/mediatheory/keywords/grotesque/>. Acesso em: 23 ago. 2017.

EFE, Imagem da Virgem Maria "chora sangue" na Califórina. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90088.shtml>. Acesso em: 12 set. 2017.

FINGESTEN, Peter. Delimitating the Concept of the Grotesque. **The Journal of Aesthetics and Art Criticism** Vol. 42, No. 4 (summer, 1984), Published by: Wiley on behalf of The American Society for Aesthetic. p. 419-426.

JUNAAB. **O que é AA** [2015, site oficial]. Disponível em: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br/sobre-a-a/informacoes-sobre-a-a>. Acesso em: 12 set. 2017.

LIZKA, James Jacób. **A general introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce.** Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press,1996. 150 p.

OLIVEIRA, Érico Fernando de. South Park: (des)construção iconoclasta do contemporâneo. In: **REVISTA universitária do audiovisual**, 2012. Disponível em: <http://www.rua.ufscar.br/south-park-desconstrucao-iconoclasta-do-contemporaneo/>. Acesso em:12 set. 2017.

PINHEIRO, Daniel Lima. MARINHO, Francisco. **Animação de recorte do stop-motion ao digital**. 174 f. Dissertação (mestrado em artes visuais) - Escola de Belas Artes de UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/JSSS-82KGMM>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 131 p.

___. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005. 185 p.

SOUTH PARK STUDIOS. **Bloody Mary.** S09e14. [material audiovisual]. Produzido por Trey Parker e Matt Stone. Dirigido por Trey Parker. Roteiro por Trey Parker. Música de: Jamie Dunlap e Scott Nickolay. Animação de: Ryan Quincy. Vozes: Trey Parker, Matt Stone e April Stewart. 2005. Disponível em:< http://southpark.cc.com/full-episodes/s09e14-bloody-mary >. Acesso em: 14 out. 2017.

WARBURG, banco comparativo de imagens. 2005. Disponível em: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/12039>. Acesso em: 20 set. 2017. Imagem de retábulo de Mathias Grünewald.

Lugares abandonados: decadência urbana e desolação na cidade

Abandoned places: urban decay and desolation in the city

SOUZA, Rafael Ferreira de; Mestrando em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Fluminense (UFF, rafaeldeferreira@gmail.com

Resumo

Mas afinal o que nos comunica a imagem do abandono? O que nos diz o atual cenário de desamparo de inúmeros locais e construções em diversas cidades do mundo, qual seria a incapacidade das sociedades atuarem de maneira eficaz na reversão de um processo de abandono brutal que assola nossos espaços? Numa dialética entre o passado e o presente, uma incógnita que paira no imaginário, permeada de assombro, nos anuncia a dissolução de ciclos de prosperidade, que por motivos distintos, interrompem a vida e progresso do ambiente construído.

Esses ambientes fantasmagóricos se comunicam através dos ventos, dos uivos de peças metálicas entrecortadas por paredes destroçadas, pela concretude arrasada incapaz de se consolidar com um parâmetro normativo de concepção urbano-arquitetônica. Os lugares abandonados e suas ruínas condensam em sua imagética toda uma gama de sentidos impossíveis de serem verificados em qualquer outro ambiente.

Neste sentido pretendo elaborar uma reflexão crítica acerca do arruinamento de locais, buscando uma compreensão sobre o esfacelamento do corpo edificado na malha urbana da cidade, a degradação do espaço construído, e o significado simbólico-representativo na percepção imagética da cidade, no cognitivo da memória urbana. O estudo será elaborado a partir de uma introdução e o subsequente desenvolvimento de três partes, a saber: (i) processos e rupturas, (ii) representação simbólica do abandono, (iii) espaços liminares e o movimento urbex, seguido por uma conclusão final. Fundamentado à luz do pensamento crítico relativo ao processo de decadência urbana logrado no abandono de prédios, casas, locais e cidades, que nos faz passível de um ímpeto de subjetividade nas impressões da urbe. Esse concreto residual e as ruínas urbanas se personificam como sujeitos de identidade cultural e ressonância tátil dos novos arranjos na morfologia dos espaços e, consequentemente, na vivência dos lugares arruinados.

Palavras-chave
Lugares abandonados; representação simbólica; ruínas; arquitetura e sentido; espaços liminares.

Referências

BORGES, Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes; COSTA, Raísa de Lacerda; FERNANDES, Mariana Maia da Cruz; SAITO, Jéssica Tiemi; SOUZA, Jéssica Santos de. O Entendimento de ruína e as estratégias de intervenção projetual arquitetônica. **Anais do 3° Colóquio Ibero-Americano de Paisagem cultural, Patrimônio e Projeto.** Belo Horizonte, UFMG, 2014.

CANAL BRASIL. **Fordlândia (2008)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x2SpGRuwqA4>. Acesso em: 10 ago. 2017.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001 – UNESP, 2006.

COWEN, Richard. **The "Saga" of the Centralia, PA Underground Mine Fire.** (s.d.) Disponível em < http://epidote.wvgs.wvnet.edu/enviro/centralia.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

DAVIS, Mike. **Cidades mortas**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2007.

FORTUNA, Carlos. **Identidades, percursos, paisagens culturais**. Estudos sociológicos de cultura urbana. Oeiras. Celta Editora, 1999.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro. Editora Casa das Palavras, 2005.

KUSHINSKI, Alysse. **Light and the aesthetics of abandonment:** HDR imaging and the ilumination of ruins. Artigo publicado na Transformations Journal of Media & Culture n° 28, 2016.

NESBITT, Kate (Org). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2°.ed.rev., 2008.

RAMOS, Diana Helene. **A guerra dos lugares nas ocupações de edifícios abandonados do centro de São Paulo**. Dissertação de Mestrado da FAUUSP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). São Paulo, 2009.

VARSÁNYI, Kata. **The social life of ruins:** urban exploration of abandoned spaces in Budapest. Artigo submetido à Universidade Central da Europa – Departamento de sociologia e antropologia social. Budapeste, 2011.

Navegando pela semiótica do livro S. – O navio de Teseu

Navigating by the semiotic of the book S. – The ship of Theseus

ALMEIDA, Christiane; Mestre, Pontífica Universidade Católica, PUC-Rio
titanigridesigner@gmail.com

NOJIMA, Vera Lucia; Doutora, Pontífica Universidade Católica, PUC-Rio
nojima@puc-rio.br

Resumo

Este artigo apresenta um estudo realizado no mestrado sobre a linguagem do design no livro S. – O navio de Teseu, cujo projeto gráfico diferenciado potencializa a semiose e a imersão na história. S. – O navio de Teseu é um livro de literatura de ficção, catalogado na Câmara Brasileira do Livro como Romance Norte-americano, considerado adulto por não ter classificação etária definida. As 458 páginas deste livro trazem escritas à mão, rabiscadas e desenhadas com grafite e diversas cores de canetas, além de vinte e três documentos encartados e manipuláveis como cartas, folha de jornal, postais, fotos, guardanapo e documentos. O artigo, baseado em entrevistas com o designer norte-americano, com o designer e editores brasileiros e em pesquisas bibliográficas, fornece aportes teóricos sobre semiótica relacionados com a tríade dos fundamentos do design. O objetivo é apresentar as escolhas gráficas do design e evidenciar os sistemas sígnicos do livro que criam mecanismos de inferencias associativas ao longo da leitura.

Palavras-chave

Design; semiótica; JJ Abrams

Referências

ABC Design. Disponível em: <http://www.abcdesign.com.br/a-tipografia-gotica-e-sua-identidade)/>. Acesso em 10 jan. 2018.

AZEVEDO, Leon Idris de. **Prelúdios**. Disponível em: <http://leonidris.blogspot.com.br/>. Acesso em 10 jan. 2018.

BRAIDA, Frederico.; NOJIMA, Vera Lúcia. **Por que design é linguagem?** 1ª edição.

Rio Book's, 2014a.
____. **Tríades do design**: um olhar semiótico sobre a forma, significado e função. 1. ed. Rio Book's, 2014b.
DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Editoria Campinas, 2012.
FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. Editora Ática, 2001.
FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta** - ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.
GOMES, Luciana Teixeira. **Griffin e Sabine trilogy:** o gênero epistolar sob o olhar de Nick Bantock. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.
LATOUR, Bruno. Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Slotedijk). **Agitprop**: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.
LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**: guia para designers, escritores, editores e estudantes. Rio de Janeiro: Ed. Cosac Naify, 2015.
LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.
MÁRSICO, Maria Aparecida de V. **Noções básicas de conservação de livros e documentos**. Disponível em: <http://simagestao.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Nocoes-Basicas-de-Conservacao-de-Livros-e-Documentos.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.
MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972 .
_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.
PAIVA, Ana Paula M. D. **A aventura do livro experimental.** 1. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Autêntica editora/Edusp, 2010.
PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2003.
SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
____. **O que é semiótica**. Ed. Brasiliense, 2004.
CANAL PRELÚDIOS. **S. – de J.J. Abrams e Doug Dorst**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KpEEkbdIjog >. Acesso em: 10 dez. 2016.
TED. **Mystery Box**. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/j_j_abrams_mystery_box?language=pt-br>. Acesso em: 10 dez. 2016.
SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. 2014.
SUDJIC, Deyan. **A linguagem das coisas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

O cheiro como signo da marca

The smell as a sign of the brand

ROMANOS, Paloma Almeida; Mestranda; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), palomaromanos.designer@gmail.com

BRAIDA, Frederico; Doutor; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), frederico.braida@ufjf.edu.br

VELLOSO, Isabela Monken; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), isamonken@uol.com.br

Resumo

Uma marca se constitui a partir de um universo simbólico, onde, por vezes a visão tem um papel privilegiado, seja por um logotipo ou mesmo pela loja física, podendo ser um espaço conceito onde se reproduz a noção de marca, espaço este, que conduz a um signo visual. Outros sentidos são menos explorados no espaço comercial, mas também participam da construção de uma marca, por exemplo o olfato, que responde pelo signo olfativo. As experiências que despertam os sentidos e atingem a memória do consumidor são chamadas de branding sensorial. Lindstrom (2005) adota o termo brandsense e aborda a importância de se criar ações específicas no ponto de venda, para estimular os cinco sentidos humanos. O ambiente comercial comporta as manifestações do cheiro no âmbito dos signos presentes no ponto de venda. Os signos são como traduções da marca, no qual a identidade olfativa pode ser entendida como tradução intersemiótica, pois segundo uma concepção de tradução abstrata. Plaza (2003, p.18) afirma que "por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução", dessa forma, a tradução do signo olfativo se dá pela associação feita pelos consumidores diante do cheiro no ponto de venda, evidenciando assim, o forte caráter que o cheiro possui como signo da marca. Em um projeto de ambiente comercial, os profissionais, designers e arquitetos de interiores, projetam signos que materializam no espaço da loja os valores da marca.

Pressupõe-se que, no interior de um projeto comercial, o cheiro pode se fazer presente através do produto, da essência e dos materiais existentes na loja, essas três formas de manifestação do cheiro fazem parte de um mesmo sistema sígnico concebido a partir de um sistema de signos preexistentes.

A pergunta que guia a pesquisa implica em descobrir como os cheiros também participam da construção de uma marca. A hipótese inicial corresponde ao universo da marca sendo ampliado pelo cheiro, e este se encontra presente no ambiente de venda, especificamente nos pontos comerciais.

O objetivo geral busca apresentar as possibilidades da presença do cheiro no ponto de venda. A metodologia envolve a elaboração de categorias analíticas onde o cheiro pode se vincular a marca, engendrando três estudos de caso mostrando como o universo das lojas pode ser traduzido no aroma vindo de um material usado no ambiente da loja, vindo de um produto comercializado e ainda vindo de uma essência sintética produzida especialmente para uma loja, bem como, fazendo um vínculo com a história da marca ou o conceito dos produtos, implementando assim, um relato do uso da tradução intersemiótica mediante o signo olfativo, pois este faz a passagem do signo de um meio para outro meio.

Palavras-chave

Signo; cheiro; marca.

Referências

BRAIDA, Frederico. **A linguagem híbrida do design**: um estudo sobre as manifestações contemporâneas. 2012. 297f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de marketing.** 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

LINDSTROM, Martin. **Brandsense**: a marca multissensorial. Porto Alegre: Bookman, 2007.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Estudos, 93).

O processo de representação na concepção projetual do arquiteto: Reflexão sobre o uso de modelos tridimensionais

The process of representation in the design of the architect: Reflection on the use of three-dimensional models

DIAS, Rafael Henriques Campos; Mestrando; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), rafaeldias.arquiteto@gmail.com

BRAIDA, Frederico; Doutor; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), frederico.braida@ufjf.edu.br

UNANUE, Mariane Garcia; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), marianeunanue@gmail.com

Resumo

Este artigo aborda a temática da representação do projeto de arquitetura e a compreende como um processo comunicacional na medida em que o arquiteto materializa sua ideia. Entende-se a representação projetual como a transformação do abstrato em concreto, ato que pode, em muitas vezes, se apropriar de diversas estratégias de linguagem. No caso da arquitetura, a representação pode ser compreendida por aspectos diversos, podendo ser caracterizada pela comunicação do arquiteto através de ferramentas e suportes os mais variados, sendo eles manuais ou digitais.

Ao levar em consideração que, na etapa de concepção, os meios de representação mais utilizados pelos arquitetos em seus projetos são sobretudo os desenhos, sejam eles técnicos ou artísticos e por vezes os modelos físicos, pressupõe-se certa distinção entre ambas as formas de materialização do pensamento projetual. Nesse sentido, qual é a relação entre estes meios de representação bi e tridimensionais no processo comunicacional do arquiteto na etapa de concepção?

Para refletir sobre este tema é estabelecida uma correlação hipotética segundo as teorias de Pierce (1977) no que tange aos aspectos simbólicos e icônicos das representações supracitadas. Ocorre assim pois estima-se os desenhos e as maquetes (ou modelos físicos), por possuírem caráteres bi e tridimensional, respectivamente,

possuam suas peculiaridades enquanto estratégia de materialização do pensamento projetual. Dessa forma os desenhos, caracterizados preliminarmente como simbólicos, sejam eles técnicos ou artísticos demandam conhecimento prévio de algum código, alguma habilidade ou alguma linguagem. Estes necessitam também, de um nível de abstração maior, já que necessariamente traduzem o projeto que é tridimensional em um suporte bidimensional. Os modelos físicos ou maquetes, por sua vez, representam a ideia do arquiteto através da semelhança, o que a princípio os dá a característica de representações icônicas. Assim, tornam-se lúdicos e intuitivos, pois necessitam menor nível de conhecimento técnico para serem compreendidos. É relevante mencionar também que os modelos físicos, que representam a ideia através da semelhança, são materiais palpáveis, concretos e possuem todas as dimensões dos espaços reais, o que parece comunicar sintética e fidedignamente o espaço real. Nesse sentido objetivo deste artigo é propor reflexão sobre esse momento inicial do projeto do arquiteto no âmbito da representação e suas potenciais influências na materialização do pensamento projetual. Além do que fora exposto, apresenta-se ainda os tradicionais blocos de montar como mais uma possibilidade de modelo físico de linguagem icônica de materialização, pois estes coincidem com a serventia das maquetes, com a capacidade de representar o espaço de forma sintética, concreta e simplificada. De forma mais específica se discorre sobre a apropriação deste material como uma possível ferramenta de representação, que possui caráter lúdico, intuitivo, experimental.

Metodologicamente o artigo é fruto de revisão bibliográfica e é enriquecido por uma pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisas LEAUD (Linguagens e Expressões da Arquitetura, Urbanismo e Design) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), além de observações realizadas em diversos workshops realizados no âmbito do mesmo grupo de pesquisas supracitado.

Palavras-chave

Representação projetual; comunicação; linguagem; modelos físicos; concepção.

Referências

BASSO, Ana Carolina Formigoni. LANCHA, Joubert José. **A ideia do Modelo Tridimensional em Arquitetura**. 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BRAIDA, Frederico; FONSECA, Juliane Figueiredo. O uso do lego na representação gráfica do projeto de arquitetura e urbanismo.. In: **Anais Graphica 2017 - xii international conference on graphics engineering for arts and design**. Araçatuba(sp): UNIP, 2018. Disponível em: <https//www.even3.com.br/anais/graphica2017/49745-o-uso-do-lego-na-representacao-grafica-do-projeto-de-arquitetura-e-urbanismo>. Acesso em: 29 ago. 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 1977.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. Tradução de Maria Beatriz Medina. São Paulo, Oficina de Textos. 2011.

O projeto de arquitetura pode mentir? Imagens fotorrealísticas na arquitetura de interiores

Can architecture project lie? Photorealistic images in interior design

ZANCANELI, Mariana; Mestranda; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
zancaneli.m@gmail.com

BRAIDA, Frederico; Doutor; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
frederico.braida@ufjf.edu.br

FERREIRA, Isabela de Mattos; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
belawang@gmail.com

CHAGAS, Icaro; Graduando; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
icaro.chagas@arquitetura.ufjf.br

Resumo

No processo de projeto, torna-se extremamente necessário utilizar-se de ferramentas que sejam capazes de comunicar as ideias do projetista. Desde a separação entre o projetar e o fazer, o desenho firmou-se como o meio mais popular de se transmitir instruções para os executores do projeto (LAWSON, 2011, p. 35). A partir disso, os clientes passaram a adquirir um desenho, e não mais o objeto construído, sendo estes denominados desenhos de apresentação (LAWSON, 2011, p. 35). Esses primeiros desenhos, feitos à mão, são classificados dentro do que Santaella e Nöth (2005, p. 163) denominaram de paradigma pré-fotográfico. Esse tipo de representação, apesar de atingir a realidade, é caracterizada por uma linguagem técnica de mais difícil entendimento para o leigo. Nos projetos de arquitetura, é possível observar, atualmente, um crescente uso das tecnologias computacionais para auxiliar na elaboração desses desenhos. Um recurso à disposição de arquitetos é o da renderização fotorrealística, onde são simuladas, por um computador, imagens que estão muito próximas do mundo real, parecendo terem sido capturadas pelo olho humano ou uma câmera fotográfica (SCHNEIDER, 2015 apud STUMPP; BRAGA, 2016, p. 50). Dentro do escopo das imagens e da comunicação, esses desenhos de apresenta-

ção renderizados digitalmente[2] de forma fotorrealística, se encaixam no que Santaella e Nöth (2005, p. 166) chamam de paradigma pós-fotográfico. A intenção dessas imagens, em arquitetura, é simular uma realidade ainda não construída, a fim de se aproximar daquilo que será executado, onde, quanto mais próximas do real, melhor. Dessa forma, ocorre uma mudança no entendimento por parte do cliente que, muitas vezes, interpreta essas imagens sintéticas como realidade e não como projeto. Com isso, torna-se necessário seu estudo, uma vez que existe a possibilidade de elas distorcerem a realidade, mentindo e gerando falsas expectativas. Portanto, o objetivo do presente trabalho é realizar um delineamento dos aspectos das imagens fotorrealísticas para a apresentação de projetos de arquitetura, geradas por computador, que se aproximam ou se afastam da realidade a partir dos pressupostos da semiótica. O método utilizado será: revisão de literatura, análise comparativa de imagens sintéticas, anteriores à execução do projeto, com fotografias do objeto edificado, referentes a um projeto de arquitetura de interiores, a fim de avaliar a promessa feita e a realidade construída.
Espera-se extrair dessa comparação, elementos próximos e afastados do objeto edificado. Tal resultado ajudará na elucidação de quais aspectos presentes nas imagens fotorrealísticas se aproximam e quais se afastam da realidade apresentada pela fotografia do ambiente já construído.
Por fim, o estudo pretende trazer ao campo de discussão em questão apontamentos dos benefícios das imagens fotorrealísticas para a transmissão das ideias do projetista para o cliente e também dos malefícios gerados pela possível distorção de realidade e estímulo de falsas expectativas. Conclui-se, portanto, que é necessário aprofundar a pesquisa no tema abordado, principalmente no que diz respeito ao cliente, coletando informações que ajudem a traçar os limites e as possibilidades das imagens fotorrealísticas para a apresentação dos projetos de arquitetura de interiores na contemporaneidade.

Palavras-chave
Fotorrealismo; Arquitetura de interiores; Imagem.

Referências

LAWSON, B. O que é projetar? In: _____. **Como arquitetos e designers pensam.** São Paulo: Oficina de Textos, 2011. p. 13-55.

MORAIS, V. Renderização digital. In: BRAIDA, F. et al (Org.). **101 Conceitos de Arquitetura e Urbanismo na Era Digital.** São Paulo: Probooks, 2016. Cap. 83. p. 174.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. Os três paradigmas da imagem. In: ___. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005. p. 157-186.

STUMPP, M.; BRAGA, G.. Imagens Digitais na Apresentação de Projetos de Arquitetura: estudo na arquitetura brasileira contemporânea – Jacobsen Arquitetura. In: **Anais do XX Congresso da Sociedade Íbero-americana de Gráfica Digital**. Buenos Aires, 9 a 11 nov. 2016. Buenos Aires: Blucher Proceedings, 2016. p. 50-57. Disponível em: < http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-.amazonaws.com/designproceedings/sigradi2016/492.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

O projeto de símbolos icônicos na enoarquitetura contemporânea

The design of iconic symbols in contemporary wine architecture

OLIVEIRA, Douglimar Meireles; Arquiteto; Mestrando em Ambiente Construído; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); douglimarmeireles@gmail.com

BRAIDA, Frederico; Doutor; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) frederico.braida@ufjf.edu.br

COLCHETE, Antonio; Doutor; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) arqfilho@globo.com

Resumo

A arquitetura na contemporaneidade manifesta-se de múltiplas maneiras, onde em muitos casos contempla uma tal liberdade formal e criativa que geram edifícios espetaculares que acabam por se converterem em verdadeiros ícones arquitetônicos (ARANTES, 2012). Jencks (2005) em seu livro "Iconic Building – the power of enigma", nomeia o edifício icônico como um fenômeno que vem se tornando corrente no âmbito da arquitetura e do urbanismo e que se assemelha ao conceito de ícone empregado na semiótica, na medida em que a imagem dos edifícios icônicos, além de serem sintéticas para promover uma imagem condensada, são também elevadas em termos figurativos.

A crescente popularização da cultura do vinho na contemporaneidade tem sido um dos grandes fatores que atuam na evolução de sua relação com a arquitetura (YRAVEDRA, 2003). A indústria do vinho, nos últimos anos, passou a associar grandes nomes da arquitetura mundial na realização de seus projetos, cada vez mais "espetaculares" e icônicos em suas propostas, como resposta a uma busca por forte identidade e imagem a ser associada aos seus produtos (MARGARIDO, 2013).

Dentro deste contexto, este estudo apresenta uma revisão bibliográfica ao tema da ícone na arquitetura, com o objetivo de conceitualizar e caracterizar o fenômeno, buscando entender sua atuação na enoarquitetura contemporânea como estabeleci-

mento de uma imagem, linguagem, transmissão de valores e cultura de uma marca ou região vinícola.

O trabalho adota como metodologia, a revisão bibliográfica a respeito dos conceitos que envolve a relação dos ícone arquitetônico, e da enoarquitetua contemporânea, a partir do sites, livros, trabalhos acadêmicos e revistas especializadas. Também foram selecionados três casos exemplares de grande relevância no cenário da enoarquitetura, onde foi elaborado e aplicado uma categoria analítica definida através da abordagem da semiótica e de autores referenciados, como Peirce (1972), Éthier (2013), Sklair (2016), Arantes (2012), Moneo (2008), Jenks (2005), dentre outros, que levaram as definições das propriedades de análise.

A transposição dos conceitos operatórios da semiologia à arquitetura possibilita uma ampla gama de análise dos aspectos simbólicos da arquitetura e cidade. A arquitetura icônica, através de seus aspectos, particularidades formais e práticos, atua na criação de valores simbólicos que influenciam diretamente na imagem da cidade, região e marcas, refletindo em diversos setores, atraindo investimentos, e turistas. O idioma arquitetônico não conhece limites na contemporaneidade. Seja simples e funcional, espetacular ou revolucionária, a arquitetura dedicada ao vinho na contemporaneidade pode realizar praticamente todas as suas aspirações. Ao fazê-lo, esta arquitetura desempenha um papel importante na promoção dos apectos relacionados ao vinho.

Palavras-chave

Ícones arquitetônicos; semiótica; enoarquitetura.

Referências

ARANTES, Pedro Fiori. RONCONI, Reginaldo Luiz Nunes. **Arquitetura na era digital-financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ÉTHIER, Guillaume. **L'icône autopoïétique:** l'architecture de la renaissance culturelle à Toronto (1999-2010). 2013. Tese de Doutorado. Université du Québec à Montréal.

JENCKS, Charles. **The iconic building**: The power of enigma. London: Frances Lincoln, 2005.

MARGARIDO, Raquel Joana Freitas Gírio. **Adegas contemporâneas**. Um novo discurso na arquitectura vernacular ou o boom do Eno-arquiteturismo? Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra 2009. Disponível em:<http://https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/11738/1/tese_RaquelMargarido.pdf>. Acesso em: 15 maio de 2013.

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos**. Cosac Naify, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cautrix, 1972.

SKLAIR, Leslie. **Iconic architecture and capitalist globalization.** City, v. 10, n. 1, p. 21-47, 2006.

YRAVEDRA, M.J. **Arquitectura y cultura del vino:** Andalucía, Cataluña, La Rioja y otras regiones. Munilla-Lería. Madrid, 2003.

Semiótica aplicada em projetos de produto do polo moveleiro ubaense

Semiotics applied in product designs in the Ubaense furniture pole

NASCIMENTO, Anna Clara Araújo; graduanda; Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

ALVES, Taís; Mestre; Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
tais.alves@uemg.br

Resumo

O artigo propõe um estudo sobre a relação entre a teoria semiótica e sua aplicação no processo de criação de projetos de produtos, desde o conceito até a sua divulgação pelas empresas do município de Ubá, Zona da Mata mineira. Foram realizadas pesquisas de campo, entrevistas com designers e análises de materiais de divulgação. A ideia foi também propor aspectos teóricos da semiótica aplicada ao design que possam fundamentar a elaboração dos projetos concernentes à produção moveleira de Ubá, sempre confrontando a teoria com o que acontece na prática, a fim de estimular discussões acerca dos possíveis benefícios de sua aplicação, seja por questões simbólicas ou pelo valor que é agregado. Portanto, deseja-se ressaltar a importância do estudo da semiótica para o design, que, segundo os dados obtidos na pesquisa, apesar de existirem alguns incentivos para a busca da diferenciação semântica dos produtos da região, há a falta de interesse em investimentos voltados à utilização do design como um diferencial competitivo, pois o polo ainda não reconhece todo o seu potencial estratégico.

Palavras-chave

design; semiótica; Ubá; móveis

Referências

BÔAS, Bruno V. Polo de móveis em Minas Gerais demite trabalhadores e fecha fábricas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2016. Disponível em: < https://m.fo-

lha.uol.com.br/mercado/2016/02/1744346-polo-de-moveis-em-minas-gerais-de-mite-trabalhadores-e-fecha-fabricas.shtml>. Acesso em: 27 de fev. 2016.

BRAIDA, Frederico; NOJIMA, Vera Lúcia. **Por que design é linguagem?** Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014. 90 p.

BÜRDEK, Bernhard E. **História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

CASTRO, Maria Luiza A. C. de; CARDOSO, Juliana. **Inovação tecnológica e inovação narrativa**: Caminhos para o design no polo moveleiro de Ubá. Campo Grande: Interações, 2010.

INTERSIND. **Informações sobre o polo moveleiro de Ubá.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por data de recebimento, 28 de agosto de 2016.

LÖBACH, B. (1976) **Design Industrial**: Bases para a configuração de produtos industriais. São Paulo: Blücher, 2001. 206 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio De Janeiro: 2AB, 2003. 76 p.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

QUEIROZ, Shirley Gomes; CARDOSO, Cristina Luz; GONTIJO, Leila Amaral. Design Emocional e Semiótica: caminhos para obter respostas emocionais dos usuários. 2013. **Estudos em Design,** v. 17, n.1., p. 25 - 41, jan./jun. 2009. Disponível em: < https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/32 >. Acesso em: 27 de fev. 2016.

SEBRAE. **Coleção Ubá**: Móveis de Minas. Belo Horizonte: Sebrae, 2004.

TORRES, Myrla Lopes. A relevância do estudo da teoria da comunicação e da semiótica na formação e no aperfeiçoamento do profissional de design. **Revista Design em Foco**, v. III, n.2, p. 103-115, jul./dez. 2006. Salvador: EDUNEB, 2006.

Semiótica da morte no cemitério Campo da Esperança (Brasília – DF)

Semiotics of death in the cemetery Campo da Esperança (Brasília – DF)

OLIVEIRA, Leonardo; Doutorando em Arquitetura; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); arq.leonardo.oliveira@gmail.com

Resumo

O cemitério Campo da Esperança, situado na primeira Região Administrativa do Distrito Federal e implantado na extremidade oeste do bairro Asa Sul, em Brasília-DF, foi previsto por Lúcio Costa no Relatório do Plano Piloto em 1956 e inaugurado em 1959. Morfologicamente distinto dos outros cinco cemitérios existentes no Distrito Federal, nasceu da premissa de conceber uma estética tumular uniforme e, assim, "uniformizar" os mortos, equiparando-os mediante seus túmulos destituídos de qualquer ostentação.

Sua configuração espiralada e desenvolvida a partir de uma via em formato de "Y" resguarda, além de cemitérios exclusivos para judeus, islâmicos, autoridades e pioneiros de Brasília, o símbolo da crux immissa em seu centro, dentre outros signos de destaque. A partir do método interrogativo e fenomenológico de Edmund Husserl (1859–1938), procurou-se questionar, na presente pesquisa, os pressupostos concretizadores da espacialidade do cemitério, ou seja, a materialização do fenômeno da morte como consequência da compreensão que se tem dela. O Campo da Esperança foi aqui operado como possibilitador de experiências, em que se desenrolam narrativas e emanam vivências humanas, que tecem elos entre passado e presente e, em meio ao silêncio, evocam memórias daqueles que morreram.

Os símbolos jazentes no espaço físico estão longes de serem não intencionados. Um signo pretende designar um elemento ausente, seja concreto ou abstrato, dentro de um contexto social. Segundo Pierce (2005), o signo possui um caráter que o torna significante, mesmo que seu objeto não exista (p. 74). Na presente pesquisa, partiu-se do pressuposto de que o estudo da semiótica tumular pode revelar atitudes

projetuais aparentemente desprovidas de intenção, mas incisivamente sintomáticas; no cemitério de autoridades, por exemplo, foram verificadas determinadas particularidades, como sua configuração espacial, morfologia tumular e implantação em um local de proeminência na planta geral do Campo da Esperança: em seu centro.
No mesmo cemitério, a despeito de sua premissa, observou-se a utilização da semiótica tumular como dispositivo de distinção social, uma vez que foram verificados o papel social dos túmulos e a importância civil da morte, além de sua função moral como monumento à glo¬rificação de mortos ilustres e à exaltação ao individual¬ismo (MOTTA, 2009: 62). Não obstante, como aponta Maranhão (1998: 20–21), a morte é transclassista e diante dela todos os homens se igualam. Relativizam-se, portanto, todas as condições sociais e nivelam-se os indivíduos ao mesmo des¬tino. Trata-se de estudo de certo modo incipiente, até porque Brasília configura um fenômeno relativamente recente, mas que pretende ser complementado por futuras peças acadêmicas. A pesquisa possui caráter interdisciplinar, pois parte do pressuposto de que somente a leitura tipológica ou arquitetônica do espaço não seria suficiente para a compreensão de seus fundamentos. Atualmente encontra-se em desenvolvimento na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em nível de Doutorado.

Palavras-chave

Arquitetura Funerária; Cemitérios; Semiótica.

Referências

BASTOS, Fernando. **Panorama das ideias estéticas no Ocidente**: de Platão a Kant. Brasília: Editora Unb, 1987.
BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editoria Estampa, 1995.
BENSE, Max. **Pequena estética**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
HUISMAN, Denis. **A estética**. Lisboa: Edições 70, 1997.
JIMENEZ, Marc. **O que é estética**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
KIRCHOF, Edgar Roberto. **A Estética antes da Estética**: de Platão, Aristóteles, Agostinho, Aquino e Locke a Baumgarten. Canoas: ULBRA, 2003.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009.
NÖTH, Winfred. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.
_____. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.
OLIVEIRA, Leonardo. **A configuração espacial da morte**: espaços segregados no Cemitério Campo da Esperança. **Revista VARAU,** n. 5, p. 20–47. 2016.
PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
_____. **Estética**: de Platão a Pierce. São Paulo: Experimento, 1994.
SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
TOBIAS, José Antonio. **História das ideias estéticas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1967.
WALTHER-BENSE, Elisabeth. A teoria geral dos signos. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Semiótica morrissiana aplicada à ánalise de edifício digital

Morrissian semiotics applied to digital building analysis

LIMA, Fábio; Doutor; Universidade Federal de Goiás (UFG)
arqfabiolima@gmail.com

Resumo

A arquitetura vem sendo fortemente ampliada na sua complexidade pelos recursos da computação, promovendo mudanças significativas nas formas, a renúncia das aparências do âmbito comum e a busca por experiências inusitadas, a criação de metáforas visuais para um novo mundo. Como forma de compreender os casos digitais cada vez mais presentes no cotidiano, esse trabalho visa exemplificar a aplicação do método semiótico de Charles William Morris ao edifício Babiy Yar Memorial do grupo Kokkugia Architects. Realiza-se uma análise sintática do edifício (apresentando os seus elementos constituintes); a compreensão dessa expressão no contexto semântico e, por fim, seus aspectos contextuais pragmáticos. O método permite revelar diversos signos relativamente ocultos pelo plano representativo, elucidando metáforas da violência ocorrida na Ucrânia da II Guerra Mundial.

Palavras-chave

Semiótica de Charles William Morris; modelo digital; análise arquitetônica.

Introdução

A Ucrânia já foi o país com a maior quantidade de judeus refugiados no mundo, buscando escapar dos alemães e dos russos. Babiy Yar é uma ravina existente em Kiev, capital da Ucrânia, que ficou conhecida na história como local de um dos maiores massacres de judeus e civis da antiga União Soviética, assassinados pelos nazistas durante a II Guerra Mundial. Aproximadamente 100.000 judeus ucranianos foram mortos em Babiy Yar.

Os horrores do passado constituem uma memória indelével e o projeto experimental realizado pelo grupo de arquitetos Kokkugia desenvolve um edifício em arquitetura digital com propósito de memorial. O grupo buscou uma experiência singular,

um tipo de metáfora visual.

Metodologia

Como modo de compreender casos digitais cada vez mais presentes no cotidiano de projeto, esse trabalho visa exemplificar a aplicação do método semiótico de Charles William Morris (1976), no sentido do reconhecimento das arquiteturas a partir do detalhamento das suas características. A proposta é a de realizar um exemplo de análise (apresentando os conceitos e elementos fundantes no interior do processo); o entendimento acerca da expressão desses objetos, na lógica frequente de alcançar o objeto singular e, por fim, seus aspectos contextuais pragmáticos. O trabalho do grupo Kokkugia, liderado por Roland Snooks e Robert Stuart-Smith, denominado Babiy Yar Memorial, é um projeto experimental não executado. Trabalhos como esse denotam um objeto complexo, inserido como parte da produção dos bens simbólicos contemporâneos. A proposta teórica das discussões conceituais dessa arquitetura digital é estabelecida pelos conceitos do signo arquitetônico segundo categorias da sintaxe, semântica e pragmática desenvolvidas na semiótica de Charles William Morris (1976), além de outros conceitos de Charles Sanders Pierce (1976). Serão também referenciados os estudos sobre o signo arquitetônico de ECO (1999, 2004, 2007), AGREST; GANDELSONAS (2008), BROADBENT (2008) e SILVA (1985). O âmbito do signo arquitetônico digital em KOLAREVIC (2003), PIAZZALUNGA (2005) OXMAN, (2005) e PICON (2003, 2010). E em relação a determinadas especificidades advindas de outros campos teóricos, são referenciadas as abordagens do modelo numérico, do espaço virtual, conforme LÉVY (1996, 1997), SANTAELLA (2000), MACHADO (2000) e outros.

Resultados

A construção de gráficos e esquemas explicativos das etapas que elucidam a sintaxe (as unidades estruturantes do processo de projeto, as características definidoras ou fundamentais da forma); da semântica (dos sentidos objetivos e figurados pretendidos); da pragmática (a apropriação no contexto de projeto, relações com os usuários, etc.) tornaram-se fundamentais na definição da abordagem, permitindo deixar mais

claras e resumidas as muitas operações realizadas. O edifício emerge como uma grande pedra simbólica, evocada de muitas maneiras, ora associada à simplicidade, ora à profusão, tornando-se um modelo de abstração extraordinária. Fazer aparecer o monólito é deixar sempre à mostra a salvaguarda da memória, dos fatos que não podem ser esquecidos. Por meio desse exemplo procura-se estabelecer um modo desses resultados servirem para elucidar com maior ênfase algo que passa no interior dessa arquitetura digital, apontando discussões e conceitos, trazendo à luz o que se encontra obscurecido num primeiro relance, subentendido por uma grande parte do plano representativo, tornando-se necessário desocultar.

Discussão

Há inevitavelmente um embate causado pelo modelo porque muitos fundamentos ou conceitos de arquitetura encontram-se fragilizados. A perturbação ocorre pelos níveis extremos de resultados, espaços surreais, excêntricos, surgidos na composição do lugar. A partir do contexto do massacre dos judeus na Ucrânia, os autores procuraram desenvolver aspectos psicológicos no que tange ao horror e a piedade. Todo o tipo de violência ocorrido no passado e da memória da catástrofe, das atrocidades que estão registradas em centenas de fotografias e vídeos pelo mundo, revelando toda a intransigência e intolerância, violência desmedida. Os horrores do passado e do presente são uma memória indelével, e o projeto experimental proposto pelo Kokkugia trata de um memorial em alusão aos horrores desse holocausto.

Referências

AGREST, Diana; GANDELSONAS, Mario. Semiótica e arquitetura: consumo ideológico ou trabalho teórico. In: NESBITT, Kate. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BROADBENT, Geoffrey. Um guia pessoal descomplicado da teoria dos signos na arquitetura. In: NESBITT, Kate. (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica** (1965-1995). Trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **As formas do conteúdo**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KOLAREVIC, Branko. **Architecture in digital age**: design and manufacturing. Nova Iorque: Spon Press, 2003.

LÉVY, Pierre. **Ideografia dinâmica**. Para uma imaginação artificial? Trad. Manuela Guimarães. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **O que é o virtual?** Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário**. São Paulo: Senac, 2000.

MORRIS, Charles William. **Fundamentos da teoria dos signos**. Rio de Janeiro: Eldorado; São Paulo: Edusp, 1976.

OXMAN, Rivka. **Theory and design in the first digital age**. In: Design Studies 27, 2005, p.229-265.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva,1976.

PIAZZALUNGA, Renata. **A virtualização da arquitetura**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PICON, Antoine. Architecture, Science, Technology, and the Virtual Realm. In: ___; PONTE, Alessandra (Org.) **Architecture and the sciences:** exchanging metaphors. New York: Princeton Papers on Architecture, 2003.

_____. **Digital culture in architecture**. An introduction for the design professions. Basel, Switzerland: Birkhäuser, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**. Como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Editorial Pioneira, 2000.

SNOOKS, Roland; STUART-SMITH, Robert. **Ornamental agent bodies**. 2010. Disponível em: <http://www.kokkugia.com/>. Acesso 08 fev 2014.

SILVA, Elvan. **Arquitetura e semiologia**: notas sobre a interpretação linguística do fenômeno arquitetônico. Porto Alegre: Sulina, 1985.

Territorialidades do vôlei em Copacabana e a imagem da cidade

Volleyball territorialities in Copacabana and the image of the city

TAVARES, Marcelo; Doutorando; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
marcelostavares@globo.com

VAZ, Lilian; Doutora; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
lilianfv@gmail.com

Resumo

A cidade como lugar da vida contemporânea comporta inúmeras possibilidades de manifestações tipicamente urbanas e o espaço público da praia reitera que essas manifestações são democráticas à medida que abrange pessoas de diferentes interesses e classes sociais, em busca da orla como um lugar de lazer onde o esporte tem papel fundamental neste processo (MELO et al., 2013). No Rio de Janeiro, a praia de Copacabana talvez seja o lugar mais conhecido e lembrado, e o vôlei talvez seja o esporte mais praticado, com redes espalhadas do Leme ao Posto Seis, o que sugere diferentes apropriações e atribuem novos sentidos ao lugar e à paisagem.

A contemporaneidade, portanto, revela condições de coexistência de múltiplas identidades que se associam a múltiplos territórios, onde as fronteiras são mais fluídas e intercambiáveis. A multiterritorialidade pode ser entendida como um conceito que se traduz pelo fato de vivenciarmos muitos territórios ao mesmo tempo, de diferentes densidades. Em cada território, a necessidade de senhas específicas, o que nos leva a possibilidades de acesso, mas, também de exclusão na cidade, em "movimento concomitante de desterritorialização e reterritorialização" (HAESBAERT, 2016, p. 362). Neste trabalho desenvolvemos uma parte da pesquisa para a tese que destaca algumas metáforas para nomear a formação dessa territorialidade do vôlei que queremos destacar, como o poste (lugar de marcação efetiva do espaço), a quadra (em alusão à história do lugar), a rede (e suas conexões no território) e a bola (a articulação entre tempos, lugares e pessoas). Esses elementos não só distinguem a experiência na formação dessa territorialidade específica, como também contribui para a formação da imagem da cidade carioca e sua orla mais conhecida.

O método utilizado nesta pesquisa procura extrair da pesquisa de campo seu principal subsídio, mas aqui se enfatiza o referencial teórico-metodológico da tese que parte da problematização e expansão do conceito de "território" e da utilização de insumos para o que chamamos de uma "metodologia urbana", advinda dos conceitos da "cartografia urbana" (JACQUES; DRUMMOND, 2015), para compreender a experiência urbana do vôlei em um espaço emblemático como a praia de Copacabana e dos corpos que se inscrevem nesta paisagem.

O esporte exerce, portanto, influência fundamental na construção de sentidos da vida urbana em espaços públicos destinados ao lazer e, principalmente, a praia com todo seu aparato simbólico (CORBIN, 1989). No caso de Copacabana, o vôlei de praia é parte integrante da história do bairro (CARDOSO et al., 1986), uma vez que nela se desenvolveu a modalidade no país e, recentemente, a praia foi a sede da arena para os Jogos Olímpicos. Da organização de pequenos grupos nos idos 1930, à espetacularização máxima global em 2016, a territorialidade do vôlei se mostra relevante para a compreensão da destinação de usos no espaço público contemporâneo, ainda mais em lugares de forte significação para a população.

Palavras-chave

Esporte; Espaço público; Imagem da cidade.

Referências

CARDOSO, Elizabeth Dezouzart et al. **História dos Bairros, memória urbana**: Copacabana. Rio de Janeiro: PUR-UFRJ; João Fortes Engenharia; Editora Index, 1986.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

JACQUES, Paola; DRUMMOND, Washington. Caleidoscópio: processo pesquisa. In: ___; BRITTO, Fabiana; ___(org.). **Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea**: I – Experiência Apreensão Urbanismo. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 11-28.

MELO, Victor et al. Pesquisa histórica e história do esporte. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

Projeto Gráfico e Diagramação

Isabela de Mattos Ferreira

Revisão

Isabela de Mattos Ferreira
Frederico Braida

Realização:

ufjf PROAC

Arquitetura e Urbanismo UFJF

ufjf | PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PUC RIO

Artes & Design PUC-Rio

TRIADES
Transversalidades | Design | Linguagens

ufjf | PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO